

# PRIMAVERA

---



São Paulo, 17 de março de 2022.

Finalmente, após dois anos de vazio por causa da Covid, meu IP<sup>1</sup> com vida, humana. O bando de macacos pelados, alegres e barulhentos, voltou: algazarra, abraços, caras e caretas. Acontecimentos muitos.

De repente, Emily. Vinte e quatro meses de trabalho juntas *on-line*, toda semana partilhando dores, descobertas e estranhamentos da pandemia. Abraço, felicidade com tristeza pelo que passamos, lágrimas brotando sem pedir licença. Surpreendemo-nos com nossos corpos: ela é tão magrinha, não me lembrava! Eu sou baixinha, ela não se lembrava. Será que encolhi? Nem eu sei, talvez. Longa rotina de corpo e espírito encolhidos, pode ter dado nisso.

A primavera, com suas rendas cor de maravilha sobre as ramas escuras, parece alegre com essa volta. Diz em sua língua: bem-vindos! Ela me saúda, me abraça com sua exuberância e converso com ela. Não fossem seus espinhos, a abraçaria também.

Procuro teiús, saguis, pica-paus. Não vieram à festa. Será que um dia voltam? Comemoro, me alegro e sinto carinho por cada pessoa, planta, bicho, canto ou objeto que reconheço de antes do limbo-inferno.

Encontro pessoas de quem não gosto, mas que compõem essa comunidade desde os primeiros ou segundos tempos nos quais também passei a fazer parte dela. Sobrevêm, soberanos, o carinho, a saudade. Até uns leves sopros do mau humor outrora costumeiro são bem-vindos, ranzinzice familiar e querida que estranhamente se tornou. Sem elas, esse lugar não seria o mesmo. Abraço essa gente. Sinceramente.

O *trailer* da Taninha está lá, sortido de gostosuras servidas com carinho. Toalhinha nova no balcão, caixinhas de palha colorida trançada novas e um sorriso e brilho nos olhos que também são novos na saudade que irradiam. O que seria do IP sem o *trailer* da Taninha? Tomo algo que vai muito além do café: quentura e amargor e magia e nostalgia e reminiscências e... Como aguentamos? Como sobrevivemos?

Estudantes sentados no chão duro, sujo e frio de um vão livre, cena que era costumeira. Será que dá para inspirar um recomeço melhor? Peço e me dão a palavra. Tia Bia dá conselho. Fiz um discurso sobre sermos natureza, sermos de povos ligados à natureza e convido-os a olhar e aproveitar a exuberância, a beleza e a paz do IP ao ar livre, ao invés daquele chão ruim e nojento. Cabeças assentem, aplausos sobrevivem, uma votação sobre mudar para o gramado acontece depois que saio da roda. De longe, voto a favor. Esperança. Mais tarde, passo por lá. A reunião terminou mas o chão-nojão segue com grupinhos de estudantes espalhados. Ninguém no gramado. Sei lá...

Uma fita de interdição é passada no corredor entre os predinhos. Enlaça o cantinho do *trailer*. O telhado está despencando, não pode passar. É o corredor de ligação geral dos blocos, a artéria principal. A natureza toma e retoma os espaços artificiais, se ninguém atrapalha. Formou-se um solo fértil sobre as telhas

---

<sup>1</sup> Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, a USP, onde trabalho há 34 anos.

de amianto cobertas de folhas degradadas e uma florestinha surgiu. Galhos de árvores próximas romperam aquele obstáculo, frágil para a força lenta e persistente dos vegetais. Antes da tragédia já estava meio assim mas apenas agora algo se faz. Por ora, apenas a interdição. Mas temos muitas cadeiras novas nas salas de trabalho, ergonômicas e bonitas, que recebo como um carinho, mas sua falta não ameaçava minha cabeça como a de queda do teto do corredor. Retratos de uma instituição gigante e desencontrada, coisas de macacos pelados que se perderam com a imensidão de seu bando. Estranhamente, sinto mais a gostosura da familiaridade das contradições do que revolta ou indignação. Mas isso passa. Hoje é um momento único e não vou deixar que nada o estrague.

Expediente encerrado, ponto batido, vou embora Elba Ramalho, cantarolando “Estou de volta pro meu aconchego... Trazendo na mala bastante saudade...”. As capivaras da raia olímpica piscam para mim.

*Na volta às aulas presenciais, as marcas do longo período de mudança radical de vida e sofrimentos dos dois primeiros anos da Covid logo se mostraram. Vieram conflitos, estranhamentos, ausências de sentido. A pujança da vida universitária não se reestabeleceu rapidamente e o ano de 2022 foi ainda de muitas ausências e vazios.*

*No entanto, foi pontilhado, sim, de luzes coloridas e quenturas que nos iluminaram e nos envolveram em gostosura, convidando a voltar a contemplar e fruir o mundo em sua riqueza e humanidade, como o sol nascente faz todos os dias.*

*Voltar o olhar e todo o sentir para esses salpicos de luz. Deixar que eles nos tomem e nos façam luz como eles. Partilhar o Bom, o Belo, o Feliz, o Amoroso. Reaprender a nos relacionar envoltos nessa partilha. Que ela nos cure.*